
DANDO VISIBILIDADE ÀS DIFERENÇAS: UM PROJETO DE TRABALHO COM ALUNOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE PARÁ DE MINAS – MG

Hércules Tolêdo Corrêa *

Apresentação

À frente do Grupo de Pesquisa Multiletramentos e usos das tecnologias digitais de informação e comunicação na Educação – MULTDICS, temos tido oportunidade de conhecer e acompanhar alguns trabalhos que são realizados por outras instituições no estado de Minas Gerais. Um desses trabalhos é a exposição de fotografias “Nu corpo nu – Respeitando as diferenças”, que desejamos aqui apresentar, analisando alguns de seus aspectos, principalmente no que diz respeito à formação estética dos alunos de Educação de Jovens e Adultos.

O projeto de trabalho pedagógico intitulado “Diferenças” foi desenvolvido no ano de 2016 no âmbito do Centro Estadual de Educação Continuada – CESEC **Dona Afonsina**, escola situada no centro da cidade de Pará de Minas, com cerca de noventa mil habitantes, a noventa quilômetros de Belo Horizonte, no chamado Centro-Oeste mineiro. A exposição “Nu corpo nu” fez parte desse projeto maior e foi montada em diferentes ocasiões desde sua produção, a fim de levar ao conhecimento de distintos públicos o trabalho desenvolvido com os alunos da EJA.

Para a realização do projeto, as diferenças foram pensadas de várias maneiras, como as diferenças de cor e raça; as diferenças de estilos impressas nos corpos pelas intervenções estéticas, tais como penteados exóticos, tipos de cabelos, maquiagens exuberantes, tatuagens, *piercings*, adereços chamativos. Também foram consideradas as diferenças tendo em vista as características dos corpos: diferentes tons de pele; tamanhos pequeno, médio e grande; corpos altos e baixos; magros e gordos; eretos e curvados – a infância, a juventude e a maturidade; uma mão sem uma falange do dedo polegar, que pode representar as tantas mutilações possíveis e tão constantes e presentes em nosso meio social; cicatrizes e outras marcas corporais, dentre tantas outras possibilidades.

*Professor da Universidade Federal de Ouro Preto – Doutor em Educação pela UFMG. herculest@ufop.edu.br



Caracterização da escola e das turmas

O CESEC **Dona Afonsina** é uma escola pública estadual que conta com cerca de mil alunos, a cada ano, e oferece a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos – EJA. Esses centros educacionais se configuram como semipresenciais. Os alunos os frequentam por conteúdo. Eles têm de frequentar um mínimo de 16 horas por conteúdo, mas normalmente a maioria dos alunos frequenta por muito mais horas, conforme entrevista concedida pela diretora da instituição, a pedagoga Idalila Mara de Araújo Sousa (SOUSA, 2017).

Ainda conforme nos relata Sousa (2017), uma boa parcela dos alunos parou de estudar por muito tempo. Os alunos não precisam frequentar as aulas todos os dias. Eles podem frequentá-las conforme suas disponibilidades. Por exemplo, alguns vão duas vezes por semana; outros, que moram mais distante, vão apenas uma vez por semana. Há alunos que frequentam a EJA do Ensino Fundamental, cuja idade mínima é 15 anos, e outros que frequentam a EJA do Ensino Médio, cuja idade mínima é de 18 anos. De acordo com a diretora, há alunos de idades bem diferentes, desde os jovens até alunos bem idosos. Alguns procuram a escola porque foram excluídos do mercado de trabalho ou porque não têm certificação para exercer certas funções. Muitos também frequentam a escola para socialização ou porque querem e precisam da merenda. A escola tem também parcerias com muitas empresas, nas quais muitos alunos trabalham. Alguns também são agricultores, comerciários, donas de casa. Há também alunos considerados inteligentes pelos professores mas que não se adequaram à escola tradicional, por não terem paciência. Mas por outro lado há também aqueles que têm muita dificuldade de aprendizagens. Todos esses dados estão no depoimento emocionado da diretora, uma apaixonada pelo seu trabalho e pela instituição. Os portões da escola ficam abertos e os alunos entram e saem conforme suas necessidades. A diretora comenta que quase não há problema com disciplina, porque a maioria dos alunos é “amorosa” e “todos estão lá porque querem ou porque precisam...”¹ Em quatro anos de direção, relata ter tido um único problema de disciplina, que foi resolvido na base da conversa. De acordo a diretora,

somos uma escola diferente. Procuramos ensinar nossos alunos além dos currículos escolares, procuramos trabalhar valores, começando por valorizá-los, pois muitos estão com a autoestima lá no pé. Então temos que acolher e levantar o moral deste aluno e ajudá-lo a se ver como ser humano que tem qualidade e valor. (SOUSA, 2017)

¹ Conforme entrevista concedida pela diretora do CESEC, Dona Afonsina, ao líder do grupo de pesquisa MULTDICS em 2017. Doravante, os trechos da entrevista serão indicados como SOUZA, 2017.



Os alunos podem estudar quantos conteúdos quiserem de cada vez e a diretora ressalta, ao final da sua entrevista, que essa forma aberta e modular tem sido o tipo de ensino desenvolvido nos CESECs de Minas Gerais.

Fundamentação teórica: Sem antagonismos – teoria e prática e não teoria *versus* prática

Percebe-se, no campo da educação, certa resistência de estudantes de graduação em Pedagogia e também das diferentes licenciaturas com relação às teorizações e conceituações acadêmicas. Isso também é observado em muitos dos profissionais atuantes do chamado “chão da escola”. Por outro lado, percebe-se, por vezes, por parte dos professores e pesquisadores das universidades que formam professores, certo descaso pelas práticas. Dessa forma, perpetua-se uma ideia de que teoria e prática ocupam espaços contrários e que uma está completamente descolada da outra e vice-versa. Atuando por quase trinta anos tanto em cursos de Letras quanto de Pedagogia, bem como orientando mestrados, participando de bancas, realizando pesquisas sobre letramento e escola, temos procurado entender teoria e prática como duas faces de uma mesma moeda. Nossa intenção então é demonstrar que, mesmo não estando conscientemente embasados em construtos teóricos, os proponentes do projeto em questão trabalharam a partir de alguns referenciais.

Embora não tenha sido concebido e gestado a partir do referencial teórico dos multiletramentos, de forma explícita e consciente, foi o que percebemos quando vimos a exposição “Nu corpo nu – Respeitando as diferenças”, num evento realizado na Universidade Federal de Ouro Preto, o 1º Seminário “O corpo brincante no processo educativo: revelando as formas lúdicas de ensinar, aprender e avaliar”. Pensar a execução desse projeto pedagógico a partir do referencial teórico dos multiletramentos mostra-nos, portanto, essa possibilidade de vinculação entre teoria e prática, demonstrando esses vínculos positivos entre as duas vertentes tantas vezes dissociadas.

Os estudos que têm como base teórica a chamada Pedagogia dos Multiletramentos – uma proposta surgida em meados dos anos 1990 a partir de um encontro de especialistas em linguagem na cidade de New London, em New Hampshire, Connecticut, USA – têm como objeto tanto uma perspectiva das múltiplas linguagens (não só a linguagem verbal e a língua nativa dos falantes, mas diferentes sistemas de significação, presentes nos textos contemporâneos, como as imagens – estáticas ou em movimento –, os diferentes tipos de sons, a música, os gestos etc.) como também a diversidade e a multiplicidade cultural (pensando em termos de culturas, no plural, e não cultura, no singular) (ROJO e MOURA, 2012). Essa multiplicidade cultural tanto tem relação com os processos globais de circulação cultural, como os processos mais regionais e locais. Por exemplo, podemos pensar tanto num movimento cultural de surgimento de um conjunto de jovens que se aproximam uns



dos outros em diferentes continentes e países por usarem camisas com padrões xadrez, barbas mais longas, calças de brim, cabelos mais aparados nas laterais e com topetes mais altos (estilo *undercut*), que se auto-definem como *hipsters*, ou jovens que se vestem no estilo chamado *hip-hop*, com calças bem largas, camisas grandes e bonés de aba reta; quanto podemos pensar em formas mais locais de cultura típicas de uma cidade, com influências mais regionais ou locais.

A exposição de fotografias deixava entrever, desde o título do projeto, um trabalho múltiplo de linguagem: a partir do próprio título, em que se brinca com a forma contrastiva da preposição “em + o” = “no” e a palavra “nu”, que funciona como adjetivo do substantivo “corpo” no sintagma “Nu corpo nu”, até a linguagem da fotografia, que explora várias formas e sentidos também para “diferenças” que se revelam, que se desvelam, que se assumem ao olhar do outro. Trata-se, portanto, de ressaltar a diferença como algo que distingue o corpo do outro, sem que se veja nisso motivo para se demonstrar um conceito prévio, um preconceito, mas sim para se respeitar, mais até do que tolerar, o diferente.

A questão do respeito às diferenças na escola brasileira não é algo tão novo, mas é evidenciado no âmbito dos movimentos pedagógicos do final do século XX, com a circulação de documentos como os *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Destacamos o que diz a apresentação do caderno *Pluralidade Cultural*:

Este tema propõe uma concepção que busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. A afirmação da diversidade é traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, tendo a Ética como elemento definidor das relações sociais e interpessoais. (BRASIL, 1998, p. 121)

Baseando-se em estudos da antropologia e da sociologia, principalmente, mas também já apontados por outras áreas do conhecimento, têm-se a concepção da “pluralidade cultural” e/ou do “multiculturalismo”, que pressupõem não haver hierarquização nas diferentes culturas, muito menos a preterição ou o apagamento de uma cultura em detrimento de outra.

A interação entre as diferenças culturais levou o antropólogo García Canclini a tratar das “culturas híbridas”, em que não se distinguem facilmente manifestações que outrora, de certa forma, se opunham:



Como analisar as manifestações que não cabem no culto ou no popular, que brotam de seus cruzamentos ou em suas margens? Se esta parte insiste em apresentar-se como um capítulo, com citações e notas de rodapé, não será por falta de preparação profissional do autor para produzir uma série de *videoclips* em que um gaúcho e um morador de uma favela conversam sobre a modernização das tradições com os migrantes mexicanos que entram ilegalmente nos Estados Unidos, ou enquanto visitam o Museu de Antropologia, ou enquanto ficam na fila de um caixa eletrônico, e comentam como mudaram os carnavais do Rio ou de Veracruz? [...] Pergunto-me se a linguagem descontínua, acelerada e paródica do *videoclip* é pertinente para examinar as culturas híbridas, se sua fecundidade para desfazer as ordens habituais e deixar que emerjam as rupturas e justaposições não deveria culminar – em um discurso interessado no saber – em outro tipo de organização dos dados. (CANCLINI, 1997, p. 283)

A exposição “Nu corpo nu – Respeitando as diferenças” pareceu-nos então uma aplicação bastante eficiente da teoria dos multiletramentos num projeto pedagógico desenvolvido numa escola do hemisfério sul e utilizando a cultura local, tornando os alunos protagonistas de um fazer multiletrado e dando visibilidade tanto às suas habilidades com a produção textual escrita como também com as experimentações fotográficas auxiliadas por profissional do ramo e docentes da escola quanto aos seus próprios corpos, na medida em que se tornaram modelos e participaram de ensaios fotográficos, uma experiência única na vida de alunos de diferentes idades, raças, cores, gêneros e *backgrounds* culturais.

Descrição da experiência

O Projeto “Diferenças” foi realizado no período de junho a dezembro de 2016 e contou com a participação do artista plástico e professor Jefferson Carlos Xavier, seu idealizador; das professoras de arte Kátia Alcântara Nery e Neide Gonçalves de Oliveira Dupin; da diretora Idalila Mara de Araújo Sousa; e das especialistas em educação Rosemar Claudino da Silva Oliveira e Tânia Maria Rafael Binder S. Morais, que acolheram a ideia e transformaram-na em um projeto escolar, por acreditarem que a arte, nas suas mais variadas formas de expressão, possibilita ao criador e ao fruidor/espectador um olhar reflexivo e interpretativo sobre a obra. O trabalho contou ainda com a colaboração do fotógrafo profissional Rodrigo Maciel, que se dispôs a participar como “amigo da escola” e é autor das fotos que acompanham este artigo.

O objetivo geral do trabalho, conforme o projeto, foi “sensibilizar os alunos para que fossem agentes transformadores de uma sociedade excludente, respeitando as diferenças, as particularidades, as individualidades presentes em cada ser, aceitando o outro como ele é.”

O trabalho organizou-se a partir da reflexão proporcionada por este excerto, dentre outros constantes no projeto:



As diferenças, mais do que dados da natureza, são construções sociais, culturais, políticas e identitárias. Aprendemos, desde criança, a olhar, identificar e reconhecer a diversidade cultural e humana. Contudo, como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a classificar não somente como uma forma de organizar a vida social, mas também como uma maneira de ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada e dicotômica: perfeições e imperfeições, beleza e feiura, inferiores e superiores. Esse olhar e essa forma de racionalidade precisam ser superados (GOMES, Nilma Lino – professora e pesquisadora da UFMG, ex-ministra da pasta Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, 2011).

Os alunos da EJA puderam ler e escrever textos de diferentes gêneros, participar de rodas de conversa, debates, oficinas de fotografia com uso de câmeras e outros dispositivos móveis e participar de montagens de exposições.

Conforme o quadro teórico com o qual trabalhamos, as propostas de multiletramentos assinalam alguns movimentos pedagógicos que devem ser levados em conta nas propostas: 1) prática situada; 2) instrução aberta; 3) enquadramento crítico; 4) prática transformadora, conforme esclarecem David Cope e Mary Kalantzis (2000).

Assim, entendendo-se prática situada como a imersão dos alunos em universos que fazem parte de sua cultura relacionando-as com práticas de outros espaços culturais, vemos um conjunto de alunos de EJA, bem como integrantes da comunidade que o cerca, envolvidos num trabalho de ensaio fotográfico como fotógrafos, maquiadores, cabeleireiros, iluminadores. Esses alunos precisaram se apropriar de uma metalinguagem própria do universo da fotografia (planos, enquadramentos, iluminação, luz, lentes...) para produzir seus trabalhos, de forma mais “profissional”. Os alunos puderam fazer uma análise sistemática e consciente dessa prática por meio das rodas de conversa e debate, de forma a atender a chamada “instrução aberta”, que também foge de um currículo conteudista e inflexível, que determina, de cima para baixo, o que deve ser “dado” pelo professor e o que deve ser “aprendido” pelos alunos. Os envolvidos com o projeto também puderam interpretar os contextos sociais e culturais de circulação e produção das fotografias e, por fim, transformaram-se em fotógrafos, maquiadores, iluminadores, curadores, expositores, enfim, em artistas e protagonistas do fazer pedagógico.

É uma pena não podermos reproduzir, aqui, todas as fotografias da exposição já montada em diferentes espaços (escolas de educação básica, universidades) e que ainda esperamos ver montada em espaços como *shoppings*, saguões de órgãos públicos, estabelecimentos bancários, estações rodoviárias e quantos mais espaços forem abertos para dar visibilidade às diferenças, mas os leitores da revista *Práticas de Linguagem* podem ver algumas fotografias selecionadas reproduzidas em anexo. Um convite à apreciação da arte e à reflexão que ela pode nos proporcionar.



Avaliação dos resultados: A Educação de Jovens e Adultos e a formação estética

Com o desenvolvimento do projeto “Diferenças”, alunos da EJA do CESEC **Dona Afonsina** e pessoas da comunidade serviram como modelos para as fotografias. Os alunos também tiveram a oportunidade de observar melhor o seu entorno, em busca da visibilidade às diferenças e observar melhor seus próprios corpos, por meio das fotografias. No que diz respeito ao ensino de arte para turmas de jovens e adultos, Nina Loguercio propõe, em sua dissertação de mestrado:

Quer-se que os alunos exercitem novas formas de olhar o mundo, se questionem sobre a realidade da qual fazem parte e entendam a arte como uma das formas de expressão humana que retrata não só as verdades e desejos pessoais, mas as transformações pelas quais a humanidade passa (LONGUERCIO, 2011, p. 22)

Na nossa visão, foi esse o caminho percorrido com o projeto “Diferenças”. Com a experiência adquirida pelo desenvolvimento do projeto e pelas reflexões que acompanharam esse desenvolvimento, o conceito de “modelo fotográfico” ganha outra dimensão, para além do senso comum, daquele corpo “bonito e sarado”, na maioria das vezes branco, loiro, alto, de características europeias, vendido pela grande publicidade e pela grande mídia.

Considerações finais

Com o acesso cada vez maior da população aos dispositivos digitais móveis com múltiplos recursos, como é o caso dos *smartphones*, que permitem fotografar e editar imagens, o professor tem à mão uma importante ferramenta para suas práticas pedagógicas e não um inimigo, como se supõe em muitos casos do cotidiano escolar. Se vivemos a “era das *selfies*”, em que momentos cotidianos e banais são, a todo momento, capturados pelas câmeras digitais portáteis, nada melhor do que otimizar esse recurso, pensando-se no apuro técnico de sua utilização, por meio da ajuda de fotógrafos profissionais, que podem dar dicas de uso da luz e sombra, de foco, ângulo e enquadramento, a usuários amadores, contribuindo, dessa maneira, para a formação estética desses sujeitos, ao mesmo tempo em que os coloca como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

Ao relatar essa experiência, após inúmeros contatos com a equipe do CESEC **Dona Afonsina**, ouvindo seus depoimentos e trocando impressões, percebemos o quão importante foi a realização de um trabalho como este, em que todos saíram ganhando. É muito importante que leitores de diferentes partes do país, interessados e envolvidos com a educação de qualidade, que queiram realmente fazer a diferença, tomem conhecimento do projeto de trabalho aqui exposto.



Referências

BRASIL. **Pluralidade Cultural. Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CANCLINI, N. G. “Culturas híbridas, poderes oblíquos”. In: **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997, pp.283-350.

COPE, B. and KALANTZIS, M. (Ed). **Multiliteracies. Literacy learning and the design of social futures**. London and New York, Routledge, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. 2011

Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011>> Acesso em 18 maio 2017.

LOGUERCIO, N. M. **Experiência estética e fotografia no cotidiano de alunos da EJA: possíveis relações com o ensino da arte**. Dissertação de mestrado. PUC-RS: Porto Alegre, 2011.

ROJO, R. e MOURA, E. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOUSA, I. M. de A. **Entrevista concedida a Hércules Tolêdo Corrêa**. 29 de maio de 2017.

Anexos

Algumas fotografias produzidas no âmbito do projeto “Nu corpo nu – respeitando as diferenças”





Fotos: Rodrigo Maciel



Fotos: Rodrigo Maciel

